O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA E O INCENTIVO À LEITURA LITERÁRIA NAS LINHAS E ENTRELINHAS DO UNIVERSO LITERÁRIO INFANTIL DE MONTEIRO LOBATO

Eliane Santana Dias Debus[*]
Fernanda Maccari Guollo[**]

Resumo: Este artigo focaliza o discurso de Monteiro Lobato sobre o ensino da língua portuguesa e o incentivo à leitura literária nas linhas e entrelinhas do seu universo literário para crianças. Ele introduzia, por meio de seus livros, sua posição a respeito do ensino da língua e da leitura literária, como apontaremos nos títulos *Emília no País da Gramática (1934), Memórias da Emília (1936)* e *Dom Quixote das crianças (1936).* Nas três narrativas é a personagem Emília que apresenta essa posição. No primeiro título, ela questiona o fazer dos gramáticos e o uso "empolado" da língua; no segundo, obstinadamente tece suas memórias questionando o próprio gênero memorialístico e, no terceiro, desenvolve argumentos em relação a formação do leitor de literatura e de seus protocolos de leitura.
Palavras-chave: Monteiro Lobato, Língua Portuguesa, Literatura, Formação de leitores.

Abstract: This article focuses on Monteiro Lobato's discourse about the Portuguese Language teaching and the incentive of literary reading between the lines of his literary universe for children. He introduced, by means of his books, his position with regard to language teaching and literary reading, as it will be shown in the titles *Emília no país da Gramática* (1934), *Memórias da Emília* (1936) and *Dom Quixote das crianças* (1936). In the three narratives, Emília is the character who presents that position. In the first title, she questions what grammarians do and the "mixed" used of the language; in the second, she weaves her memories tenaciously by questioning the genre "memorialístico" and, in the third, she develops arguments in relation to the education of readers of literature and their protocols of reading.
Keywords: Monteiro Lobato, Portuguese Language, Literature, Reader education.

Eu penso que todas as calamidades do mundo vêm da língua.
Se os homens não falassem, tudo correria muito bem,
como entre os animais que não falam.
As formigas e as abelhas, por exemplo.

[*] Profª Dra. Departamento de Metodologia de Ensino/UFSC.
[**] Mestranda do PPG em Ciências da Linguagem/UNISUL. Pesquisadora na área de Literatura Infantil e Juvenil, bolsista da CAPES, sob orientação da Profª. Dra. Heloísa Juncklaus Preis Moraes.

Esses bichinhos vivem na maior ordem possível,
com suas comidinhas a hora e a tempo [...]
O mel é uma perfeição que você nem sonha.[...]
E qual o segredo da felicidade desses animaizinhos?
Um só: não falam.
No dia em que derem a falar,
adeus ordem, adeus paz, adeus mel!.
(LOBATO, 2007, p. 20).

1 Introdução

Monteiro Lobato, hoje considerado cânone da literatura infantil brasileira, traz a público, na segunda década do século XX, narrativas que conseguiram seduzir o público leitor mirim e introduzir a marca de originalidade a uma produção cultural até então vinculada a características meramente formativas. Escritor transparente em seus anseios e preocupado com aspectos culturais da nação brasileira, Lobato começou a escrever para as crianças por crer que não existiam textos adequados para a infância daquele período.

O escritor estava preocupado com a educação das crianças, incluindo a de seus filhos, pois faltavam obras de boa qualidade e de linguagem acessível para as crianças lerem e, respectivamente, formarem-se cidadãos críticos e atuantes. Segundo Campos (1986), a produção literária infantil lobatiana constituiu-se da sua visão nacionalista. Preocupava-se o escritor em produzir uma literatura brasileira com personagens e situações que abrangessem a realidade nacional, e não uma literatura importada, que retratava uma cultura exterior à existente nas terras brasileiras.

Tal depoimento pode ser constatado em carta, de 8/9/1916, ao amigo e correspondente Godofredo Rangel:

> Ando com várias idéias. Uma: vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para crianças. Veio-me diante da atenção curiosa com que meus pequenos ouvem as fábulas que Purezinha lhes conta... Guardam-nas de memória e vão reconta-las aos amigos — sem, entretanto, prestarem nenhuma atenção à moralidade, como é natural. A moralidade nos fica no subconsciente para ir se revelando mais tarde, à medida que progredimos em compreensão. Ora um fabulário nosso, com bichos daqui em vez de exóticos, se for feito com arte e talento dará coisa preciosa. As fábulas em português que conheço, em geral traduções

> de La Fontaine, são pequenas moitas de amora do mato — espinhentas e impenetráveis. Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. Fábulas assim seriam um começo da literatura que nos falta. Como tenho um certo jeito para impingir gato por lebre, isto é, habilidade por talento, ando com idéia de iniciar a coisa. É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos (LOBATO, 1951, p. 104).

A literatura de Monteiro Lobato rompe com a função meramente recreativa e/ou educativa dos títulos direcionados à infância, bem como com o caráter ufanista e didático dos títulos que circulavam na primeira década do século XX, como os poemas patrióticos de Olavo Bilac e de Júlia Lopes de Almeida.

Monteiro Lobato se torna precursor de uma literatura que levava a criança como protagonista enfatizando cenários e acontecimentos da realidade social em meio a um mundo imaginário ambientado no Sítio do Picapau Amarelo, que era habitado por personagens próximos às crianças da década de 1920, como a boneca de pano, Emília e o boneco de milho, Visconde de Sabugosa; bem como personagens com as quais os leitores podiam se identificar: Pedrinho e Narizinho, crianças como eles.

Lobato entrega-se à literatura infantil e a faz perfeitamente. Critica valores e recorre a "adaptações" na transcrição da língua portuguesa para atrair o interesse do público infantil, retratando a língua como uma entidade viva e em constante transformação, partindo da necessidade dos falantes de cada região. Em uma das cartas ao amigo Godofredo Rangel reforça seu desejo de fazer a adaptação em linguajar simples, mas que seja carregado de significações para o leitor.

> [...] Lobato recomenda, novamente, 'linguagem bem singela', 'estilo água do pote', 'liberdade de melhorar o original'. Neste caso, os originais seriam as adaptações e não os textos de Skakespeare ou de Cervantes. 'Refazer tudo' e 'abrasileirar a linguagem' são as metas para essas produções, sempre com vistas à especificidade do púbico (PRADO, 2008, p. 328).

Monteiro Lobato acreditava que a literatura para o público infantil tinha algumas especificidades, principalmente, no que diz respeito

a sua construção linguística a partir de uma simplicidade vocabular, sem, no entanto, menosprezar a capacidade do leitor, mas respeitando os cérebros "ainda tenros" das crianças (DEBUS, 2004).

Escritor perspicaz, ele contempla em suas narrativas as vontades instauradas pelo imaginário infantil, utilizando-se para isso, sutilmente, das peripécias desenvolvidas pela boneca Emília e por seus demais personagens. A correspondência (seu melhor prêmio) travada entre o escritor e seus leitores no final da década de 1920 a 1940 comprova o quanto ele priorizou o diálogo com seus leitores concretos, introduzindo em suas narrativas inventadas os desejos daqueles que o liam.

O escritor esteve atento ao seu público quer como editor quer como escritor. Havia por parte dele uma preocupação em conquistar as crianças. Acreditamos que, por meio de seus livros, ele introduzia sua posição a respeito do ensino da língua e da leitura literária, como tentaremos apontar nos títulos *Emília no País da Gramática* (1934), *Memórias da Emília* (1936) e *Dom Quixote das crianças* (1936).

2 Entrelaçamento das temáticas lobatianas para a valorização da língua portuguesa e da leitura literária

Como já destacamos em trabalho anterior (DEBUS, 2007), as três narrativas que aqui serão analisadas fazem parte de um conjunto de textos escritos por Lobato na década de 1930 em que o foco principal é o ensino da língua portuguesa.

Em *Emília no País da Gramática*, o autor apresenta "discussões sobre a gramática normativa e a rigidez dos estudos sobre os fatos da língua padrão" (DEBUS, 2007, p.18); em *Memórias da Emília* faz uma reflexão sobre a arquitetura da escritura, em especial, sobre o gênero memoralístico, e, em *Dom Quixote das crianças* desenvolve um discurso sobre a leitura literária entre os jovens leitores.

Emília no País da Gramática é uma aventura pela língua portuguesa, metaforicamente instituída como um país. Emília, Narizinho, Pedrinho, o rinoceronte Quindim e o Visconde de Sabugosa adentram nesse país para aprender sobre a estrutura da língua portuguesa falada no Brasil.

A forma pela qual o autor faz uso do linguajar literário, respeitando a diversidade linguística, que migra da oralidade para a escrita, faz com que o público infantil aprecie não só a narrativa, mas

também, a ampliação do recurso literário em evidência no decorrer dos capítulos - a imaginação, sempre com a participação efetiva da fala de Emília.

A introdução da gramática portuguesa é apresentada por Lobato, no livro *Emília no País da Gramática*, em termos, nos moldes dos primeiros gramáticos, enfatizando a distinção existente ao que é considerado clássico ou não para se ler. Não que ele aprove essa tese, nem os seus feitores, mas expõe ao leitor mirim as derivações que compõem a origem da gramática portuguesa, ou seja, seu contexto histórico-social:

> Uma língua não pára nunca. Evolui sempre, isto é, muda sempre. Há certos gramáticos que querem fazer a língua parar num certo ponto, e acham que é erro dizermos de modo diferente do que diziam os clássicos.
> - Que vem a ser clássicos? – perguntou a menina.
> - Os entendidos chamam clássicos aos escritores antigos, como o Padre Antonio Vieira, Frei Luis de Sousa, o Padre Manuel Bernardes e outros. Para as carrancas, quem não escreve como eles está errado. Mas isso é curteza de vistas. Esses Homens foram bons escritores *no seu tempo*. Se aparecessem agora seriam os primeiros a mudar ou adotar a língua de hoje, para *serem entendidos*. A língua variou muito, e sobretudo aqui na cidade nova. Inúmeras palavras que na cidade velha querem dizer uma coisa, aqui dizem outra. *Borra*cho, por exemplo, quer dizer Bêbado; lá quer dizer filhote de pombo – vejam que diferença! Arrear, aqui é selar um animal; lá é enfeitar, adornar (LOBATO, 2008, p. 97).

Implicitamente, Lobato fez uso desse argumento, da evolução do conceito linguístico desde os mais rebuscados escritores da antiguidade até a década de 1930, para sensibilizar e desmistificar, por meio das palavras tão imperativas de Emília, essa tendência e necessidade de transformação que precedia e da qual procede a língua portuguesa, não sendo absorvida e reconhecida pelos gramáticos tradicionalistas da época.

Sabe-se que as gramáticas foram escritas com o intuito de descrever e anexar regras para estabelecer padrões mediante as manifestações linguísticas usadas pelos escritores para a adesão de modelos a serem seguidos quando transcritas as falas e pensamentos para o papel. Segundo a pesquisadora Thaís Cristófano Silva, é entendido que uma "gramática deve explicitar os princípios e as características da língua analisada. Tal proposta deve explicar todos os enunciados possíveis de

ocorrer naquela língua e também excluírem enunciados que não sejam atestados". (SILVA, 2005, p. 15).

No capítulo XXVI, intitulado "Emília Ataca o Reduto Etimológico", a boneca visita a Dona Ortografia e a respaldou sobre as regras estabelecidas na ortografia, aproveitando este espaço para criticar também os gramáticos.

> - A senhora canta muito bem, mas não entoa. Talvez tenha até carradas de razão. Entretanto, ignora a maçada que é para as crianças estarem decorando, um por um, o modo de se escreverem as palavras pelo sistema antigo. Os velhos Carrancas[1] é natural que estejam do seu lado, porque já aprenderam pelo sistema antigo e têm preguiça de mudar [...] (LOBATO. 2008, p. 136).

O linguista Bagno (2001) abre um leque de objeções contra determinadas regras estabelecidas e/ou retrógradas impostas pela Gramática Normativa que visa somente o uso formal da linguagem, ou seja, prescreve as variantes de prestígio (variante padrão) e seus cânones. Mas, é necessário que se faça a internalização da flexibilidade linguística que é explicitada na oralidade e transcrita na maioria das vezes para o papel.

> Essa relação complicada entre língua falada e língua escrita precisa ser completamente repensada no ensino. Segundo o autor, durante mais de dois mil anos, os estudos gramaticais dedicaram-se somente à língua escrita literária, formal. Somente, no início do século XX, com o surgimento da ciência lingüística, é que a língua falada passou a ser considerada como o verdadeiro objeto de estudo científico, pois ela é a língua tal como foi aprendida pelo falante em seu contato com a família e com a comunidade, logo nos primeiros anos de vida. A língua escrita, por outro lado, é totalmente artificial, exigindo treinamento, memorização, obedecendo a regras fixas, de tendência conservadora, além de ser uma representação não exaustiva da língua falada (BAGNO, 2001, p. 33).

Tais concepções abordadas no século XXI vêm ao encontro do prospecto elaborado por Lobato de evidenciar e demonstrar a flexibilidade e a autonomia linguísticas que são pertinentes nas manifestações e mudanças às quais a língua portuguesa está exposta.

Em *Memórias da Emília*, a boneca resolve registrar, por meio da escrita, a sua vida bem como as suas aventuras, ganhando espaço no enredo cujo discurso dialoga com o gênero memória para desconstruí-lo, pois o (re)cria trazendo à tona uma memória ficcional. Emília não apenas fala, mas tem voz ativa na construção dos episódios aos quais vivenciou ou, meramente, inventou. Dona Benta pergunta a ela o que entende por memórias e ela responde que:

> - Memórias são a história da vida da gente, com tudo o que acontece desde o dia do nascimento até o dia da morte. [...]
> - E as suas memórias vão ser assim?
> - Não, porque não pretendo morrer. Finjo que morro, só. As últimas palavras têm de ser estas: 'E então morri...', com reticências. Mas é peta. Escrevo isso, pisco o olho e sumo atrás do armário para que Narizinho fique mesmo pensando que morri. Será a única mentira das minhas Memórias. Tudo mais verdade pura, da dura – ali na batata, como diz Pedrinho.
> Dona Benta sorriu.
> - Verdade pura! Nada mais difícil do que a verdade, Emília.
> - Bem sei – disse a boneca. – Bem sei que tudo na vida não passa de mentiras, e sei também que é nas memórias que os homens mentem mais. Quem escreve memórias arruma as coisas do jeito que o leitor fique fazendo uma alta idéia do escrevedor. Mas para isso ele não pode dizer a verdade, porque senão o leitor fica vendo que era um homem igual aos outros. Logo, tem de mentir com muita manha, para dar idéia de que está falando a verdade pura (LOBATO, 2007, p.12).

Presente no início do livro, esse diálogo conduz para o diagnóstico de como Emília conduzirá a narrativa de suas memórias, pois ela será "produzida" inventivamente. Logo, após a conversa com Dona Benta, Emília convoca o Visconde de Sabugosa a realizar a árdua tarefa de escrever suas memórias, já que ela não consegue transcrever para o papel as peripécias de sua vida. Em certo momento da narrativa, Emília tem que se ausentar, então, Visconde resolve contar a "História do anjinho da asa quebrada". Visconde repassa que Emília teve a responsabilidade de ser a professora desse anjinho, já que ele desconhecia as coisas terrenas. Nesta parte da narrativa, há a menção da relevância que possui a língua, instrumento de comunicação social com suas especificidades e particularidades, como é o caso do uso dos sinônimos. Embora Emilia use

Leia Escola, Campina Grande, v. 9, nº 1, 2009 - ISSN 1518-7144

um tom irônico ao tratar do assunto, consegue expressar seus pensamentos perfeitamente:

> - Oh – disse ela – você não imagina como é interessante a língua que falamos aqui! As palavras da língua servem para indicar várias coisas diferentes, de modo que saem os maiores embrulhos. O tal cabo, por exemplo. Ora é isto, ora é aquilo. Há os cabos de faca, de bule, de panela, como eu já disse, que são as pontas por onde a gente pega nesses objetos. Há os cabos da geografia, que são as terras que se projetam mar adentro. Há os cabos do exército, que são soldados. Há os cabos submarinos, que são uns fios de cobre compridíssimos por meio dos quais os homens passam telegramas dum continente a outro por dentro dos mares. E há um tal 'dar cabo' que é destruir qualquer coisa (LOBATO, 2007, p. 20).

Percebe-se nesse parágrafo transcrito que, dependendo do contexto pragmático tem-se o seu valor de significância no campo semântico de um vocábulo. Além disso, citam-se, no decorrer da composição da história, os sinônimos para *cão* (sentido denotativo = animal, colosso; sentido conotativo= "tu és um cão" (LOBATO, 2007, p. 21), *vaca* (sentido denotativo = animal quadrúpede; dependendo da religião ganha características louváveis) e para *ordem* (sentido denotativo=ajeitar, organizar, alinhar, mandar).

Dentre uma e outra explicação, Emília menciona a origem das calamidades universais, destacando que provêm da língua: "Se os homens não falassem, tudo correria muito bem, como entre os animais que não falam" e Emília ainda acrescenta que, "a língua é a desgraça dos homens na terra" (LOBATO, 2007, p. 20).

Percebe-se, por meio da sinceridade e da simplicidade, que a boneca de pano consegue refletir sobre a força da língua na interação entre os seres:

> - Todo mal vem da língua – afirmava a boneca. – E para piorar a situação existem mil línguas diferentes, cada povo achando que a sua é a certa, a boa, a bonita. De modo que a mesma coisa se chama aqui de um jeito, lá na Inglaterra de outro, lá na Alemanha de outro, lá na França de outro. Uma trapalhada infernal, anjinho (LOBATO, 2007, p. 22).

A variedade linguística é mencionada pela protagonista da narrativa, explicando ao anjinho o porquê dos conflitos entre os povos trazendo a cena aspectos convergentes com as discussões em *Emília no País da Gramática* para a "desliteraturização" na linguagem escrita.

Logo, a narrativa memorialista ficcional de Emília segue com o auxílio do sabugo de milho, que reconta as aventuras ditadas pela boneca, dando a impressão de que foram moldados por ela os acontecimentos, sempre repassando lições, ou seja, querendo ser a professora, tanto em relação aos acontecimentos quanto à escrita de Visconde.

O livro *Dom Quixote das crianças*, publicado por Monteiro Lobato em 1936, segue a proposta de adaptar para os pequenos, por meio da voz de Dona Benta, narrativas consideradas complexas por ele, mas necessárias para a formação leitora das crianças. Lembremo-nos, então, de outros títulos universais como: *Peter Pan (1930)*, *O irmão de Pinóquio* (1927) e as aventuras de *Hans Staden (1927)*.

É relevante comentar a escolha do título dessa obra *Dom Quixote das Crianças*, considerada ambiciosa, por desencadear uma apropriação antropofágica da obra, como salienta Prado: "Dom Quixote passa a ser das crianças e não mais de Cervantes ou de Lobato. Nem mesmo 'de La Mancha', já que virá a terras brasileiras, por ocasião da mudança das personagens do mundo da fantasia para o Sítio [...]" (PRADO, 2008, p. 328). Ainda com particularidades singelas, Lajolo (2006) destaca que o escritor planejou detalhadamente esta adaptação pensando na recepção leitora desde permanência de Dom Quixote, protagonista das aventuras, para aludir ao contexto original da obra cervantina ao título que substitui os vocábulos Mancha por crianças devido a proximidade sonora que possuem, e, além disso, "em vez da origem geográfica do herói, o titulo brasileiro marca tanto a destinação do livro, quanto a apropriação do herói pelos pequenos leitores" (LAJOLO, 2006, p. 4).

Em *Dom Quixote das crianças* constata-se, de imediato, a intenção de Lobato em semear o gosto pela leitura literária e de incentivar a apreciação pelos grandes clássicos da literatura.

Em carta ao amigo Godofredo Rangel, datada de 08/12/1921, afirma que "nosso sistema não é esperar que o leitor venha; vamos onde ele está como o caçador. Perseguimos a caça. Fazemos o livro cair no nariz de todos os possíveis leitores desta terra (LOBATO, 1961a. p. 239)". Não apenas o livro em sua materialidade, mas, principalmente, a disposição estilística de seu enredo.

Ao iniciar a história, Dona Benta propõe a tradução da tradução, ou seja, para facilitar o entendimento, ela reconta a história de Miguel de Cervantes com suas próprias palavras, numa linguagem acessível, tudo para facilitar o entendimento de seu público: Pedrinho, Narizinho, Visconde, Tia Nastácia e Emília.

> - Meus Filhos – disse Dona Benta – esta obra (Dom Quixote) está escrita em alto estilo, rico de todas as perfeições e sutilezas de forma, razão pela qual se tornou clássica. Mas, como vocês ainda não têm a necessária cultura para compreender as belezas da forma literária, em vez de ler vou contar a história com palavras minhas (LOBATO, 2004, p. 10).

Marisa Lajolo destaca que o educador, preocupado com questões relativas à leitura, pode encontrar no livro várias reflexões e resposta a problemas do cotidiano escolar "que abrangem desde a crucial pergunta que livro indicar? Até a questão de os clássicos serem ou não adequados a tal ou qual faixa etária" (LAJOLO, 1994, p. 97).

Devido a essa adaptação adotada por Dona Benta, muitos leitores, além das personagens do Sítio, tiveram a oportunidade de desfrutar do contato com a essência da obra de Miguel de Cervantes Saavedra, em linguajar simples, mas denso de significados, com remanejo vocabular ora realista ora irônico dos recortes que se fizeram uso da obra original para ser apresentada à turma do Sítio.

Lobato permeia seu enredo não só com a adaptação do clássico literário, mas faz uso de alguns temas de alta complexidade, como: a feitura do livro, desde a composição material: sua forma, papel utilizado, tamanho, ilustrações, diagramação; seus protocolos, até o reflexo que pode alcançar essa leitura na modificação do pensamento do leitor frente aos acontecimentos presentes no enredo.

Um aspecto convergente dessa obra com as demais mencionadas neste artigo diz respeito a questões do tratamento da linguagem, da concepção da língua portuguesa proferida pela voz da boneca, da necessária adequação, principalmente na parte escrita, das palavras para o público leitor. A busca pela simplificação linguística no momento de contar a história (na oralidade) e o uso relevante dos grafemas considerados necessários para a composição vocabular são ressaltados logo no início do primeiro capítulo com a atitude de Emília ao riscar com o lápis um dos dois "*aa*" do sobrenome do escritor espanhol, justificando sua ação por considerar que na oralidade um "a" faz o mesmo efeito.

(LOBATO, 2004, p. 08) e de Dona Benta em "traduzir a tradução".

A adaptação da obra de Cervantes por Dona Benta, com recortes considerados por Lobato mais relevantes, reproduz passagens atrativas, proporcionando interesse pela leitura e aproximação dos leitores com a literatura, ao trazer para o Sítio a loucura de D. Quixote na pele de Emília e, principalmente, ao apresentar as colocações de Pedrinho sobre o que aprecia em D. Quixote e sobre o livro *Doze Pares de França*, de Carlos Magno, despertando o senso crítico do leitor/ouvinte em já ter uma posição sobre o que lhe atrai na leitura:

> "O que gosto em D. Quixote [...] é que ele não respeita cara. Medo não é com ele. Seja clérico, seja moinho de vento, seja arrieiro, ele vai de lança e espada em cima, como se fossem carneiros. Narizinho dá sua opinião: "Valente ele é [...] Pena que não vença todas às vezes. Com essa colocação e com a intervenção leitora de dona Benta, Pedrinho faz um trabalho intertextual com o que já havia lido dos Doze Pares de França, e descreve a sua experiência com essa outra história de cavalaria: "Comecei a ler e fui me esquentando, me esquentando, me esquentando até que não pude mais. Minha cabeça virou – ficou assim como a de D. Quixote. Convenci-me de que eu era o próprio Roldão (LOBATO, 2004, p. 43-44).

Outro fator relevante é a adaptação lobatiana ter como cenário no primeiro capítulo a biblioteca, lugar em que o Cavaleiro Andante passava horas e horas aprimorando seu conhecimento, entretido nas páginas dos livros de sua biblioteca particular, conseguindo Lobato fazer um paralelo entre o lido originalmente com o vivido.

Nas três narrativas a personagem que ganha destaque e provoca "estrepulias", posicionando-se de forma revolucionária é a boneca Emília. *Em Emília no País da Gramática,* é ela que questiona o fazer dos gramáticos e o uso "empolado" da língua. Percebe-se a voz implícita de Lobato penetrando nas palavras proferidas pela boneca de pano, que privilegia a "desliteraturização" tornando a presença da língua portuguesa mais acessível sem desmerecer seus aspectos estruturais. Defende sim, a escrita que contemple as especificidades lingüísticas que contribuam para a interação cotidiana da língua em uso pelos seus leitores. Em *Memórias de Emília,* a obstinação em tecer suas memórias pelos fios da ficção leva-na a questionar a estrutura do próprio gênero memorialístico e a refletir sobre os fazeres da escrita, intertextualizando o enredo com diversos

personagens, como: Peter Pan, Popeye, Capitão Gancho, dentre outros, mas, o cenário em que se passa o enredo é o Sítio do Picapau Amarelo. Que não faz presença constante somente no título *Emília no País da Gramática*, já que neste caso Emília visita o país de regedores das estruturas gramaticais.

Em *Dom Quixote das crianças,* sua persistência em pegar da prateleira um livro de difícil acesso permite a ela e aos demais personagens conhecer um título clássico da literatura por meio da Dona Benta que se dispõe a fazer a leitura a seu modo para que todos pudessem acompanhar as aventuras quixotescas, conhecendo de certa forma a língua da época como foi discutido em alguns momentos da leitura e com isso os leitores adentram num projeto de leitura que contempla a utilização de vocabulários simples, que agem de suporte para que o imaginário infantil consiga acompanhar os acontecimentos e aprender com eles, incentivando-as a prática da leitura literária num futuro próximo.

Desta forma, há o entrelaçamento das particularidades da língua portuguesa, que podem ser moldada de acordo com as necessidades de seus leitores, a partir de sua desconstrução: quando Emília critica o exercício dos gramáticos, trazendo a cena o enfrentamento com a língua culta e coloquial; quando desacredita no discurso memoralístico em *Memórias de Emília*, confeccionando uma memória inventiva, ficcional; e por meio do acesso à leitura literária de clássicos contados por Dona Benta como é o caso do título *El Ingenioso Hidalgo Don Quixote de La Macha* que passa a ser chamado *Dom Quixote das crianças*, reescrito pelas mãos de Lobato, deixando-o à disposição dos respectivos leitores. Nesse enredo ainda há espaço para o tratamento do livro, enquanto objeto manuseável, quando Dona Benta descreve o formato que os livros podem ter, para facilitar seu uso e sua disposição nas prateiras da estante, além dos cuidados com os protocolos do livro em si.

É relevante mencionar que esta obra ganha como narradora a experiente contadora de histórias Dona Benta, que sente a necessidade de adequar à linguagem rebuscada para que a obra de Cervantes seja bem recebida e interpretada por todos os ouvintes ali presentes e, principalmente, por todos os respectivos leitores. Fato este que se diferencia dos outros dois títulos que trazem como porta-voz das críticas a boneca de pano, Emília. Neste último título, as alfinetadas de Emília surgiam conforme o enredo era contado, pois ela se envolveu tanto com o enredo espanhol que até enlouqueceu em meados da história participando de forma secundária nos episódios. Mesmo assim, quando achava

necessário discordava e dava sua opinião sobre a linguagem empregada e as temáticas que permeavam as aventuras do cavaleiro da Triste Figura.

3 Palavras finais

Após acompanhar as convergências do pensamento crítico de Emília nas três títulos analisados, percebe-se a liberdade linguística e o tom adotado pela astuta boneca de pano demonstrando ser a porta-voz da acessibilidade lingüística em prol ao incentivo da leitura literária. Por meio dela, o escritor visa à valorização de tudo que representasse a nação brasileira e nada mais abrangente do que a língua que circula e serve de interação entre os seres humanos. Lobato não poderia concordar com a importação da literatura e da transposição linguística imposta pelos gramáticos normativos, pois denegria a pureza e a grandeza da língua nacional, que se encontra em constante evolução, posição esta, claramente visível nos três títulos em estudo.

Compreende-se a partir desses pontos convergentes entre os títulos analisados, o tamanho do legado cultural deixado por Monteiro Lobato que contribui para o desenvolvimento do intelecto dos jovens leitores por meio da linguagem empregada e do incentivo a uma escrita que abarque as condições necessárias para a interação social, que estão presentes nas linhas e entrelinhas dos enredos lobatianos e que, visivelmente são reconhecidos por meio das leituras literárias das adaptações de títulos universais, como em *Dom Quixote das crianças* ou dos originais como, é o caso de *Emília no País da Gramática* e *Memórias da Emília*. Estas leituras geram além de aprendizagem e divertimento, discussões e interesses que engrandecem a prática da leitura colaborando para a disseminação dos aspectos culturais, sociais e políticos, que se encontram nos enredos lidos e que, a *posteriori* servirão de exemplos para o enriquecimento intelectual de cada leitor infantil e juvenil que entrarem em contato com toda a obra lobatiana.

Referências

BAGNO, M. *O preconceito lingüístico*. São Paulo: Loyola, 2001.

CAMPOS, A. L. V. *A República do Picapau Amarelo*: uma leitura de Monteiro Lobato. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

DEBUS, E. *Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido*. Itajaí - UNIVALI Ed; Florianópolis: ed. UFSC, 2004.

_____. *Entre fios, meadas e tramas*: Emília des(a)fia a palavra escrita e tece suas memórias. Revista em Literacia e bem estar da criança. Portugal, Universidade do Minho, v.1, n. 1, p.1 - 15, 2007.

LAJOLO, M. Lobato, um Dom Quixote no caminho da leitura. In: *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1994.

_____ Monteiro Lobato e Dom Quixote: viajantes nos caminhos da leitura. 2006. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/QuixoteIEL.pdf>. Acessado em 09 de jun de 2010.

LAJOLO, M.; CERCCANTINI, J. L. *Monteiro Lobato*: livro a livro. São Paulo: UNESP, 2008, p. 328.

LOBATO, M. *A Barca de Gleyre*. 10 ed. São Paulo: Brasiliense, 1961a. 2º Tomo.

_____. *Dom Quixote das crianças*. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. *Emília no País da Gramática*. São Paulo: Globo, 2008.

_____. *Memórias de Emília*. São Paulo: Globo, 2007.

PRADO, A. O. M. A. Dom Quixote das Crianças e de Lobato. In: CERCCANTINI, J. L. *Monteiro Lobato*: livro a livro. São Paulo: UNESP, 2008, p. 328.

SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português*: roteiro de estudos e guia de exercícios. 8ª Ed. São Paulo: Contexto, 2005.

Leia Escola, Campina Grande, v. 9, nº 1, 2009 - ISSN 1518-7144